

Proximidade e distância entre a visão de linguagem de Merleau-Ponty e algumas teorias linguísticas correntes

Proximity and distance between Merleau-Ponty's view on language and some contemporary linguistic theories

Evani Viotti¹, Tayná Rosário²

Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO

Apresentamos aqui alguns aspectos das ideias merleau-pontyanas a respeito da linguagem, buscando fazer uma ponte entre elas e algumas das noções fundadoras da linguística como ciência. Uma das contribuições de Merleau-Ponty que destacamos é a relevância dada àquilo que ele chama fala falante (ou linguagem falante), que emerge como algo criativo e novo nas instâncias de uso linguístico, fruto de uma semiose concebida como um processo que ocorre no fluxo da intercorporeidade de sujeitos em ação. A visão de linguagem de Merleau-Ponty pode dar uma valiosa contribuição para propostas linguísticas contemporâneas que investigam o processo dinâmico e corporeado da emergência do significado em tempo real nas interações comunicativas.

PALAVRAS-CHAVE:

Merleau-Ponty. Saussure. Intercorporealidade. Cognição Situada

ABSTRACT

In this article we present some aspects of Merleau-Ponty's ideas about language, comparing them to some of the notions that are foundational to linguistics as a science. One of Merleau-Ponty's contributions that is highlighted here is the relevance given to what he calls *speaking speech*, which emerges as something new and creative during language use, as the outcome of a semiotic process that occurs in the flux of the intercorporeality of people in action. Merleau-Ponty's ideas can provide valuable contributions to recently developed linguistic frameworks that aim at capturing the dynamic and embodied processes of the online meaning emergence that occurs in real time in communicative interactions.

KEYWORDS:

Merleau-Ponty. Saussure. Intercorporeality. Situated Cognition.

Recebido em: 31/01/2020

Aceito em: 23/06/2020

¹ E-mail: viotti@usp.br | ORCID: 0000-0002-0511-6569.

Parte da pesquisa que embasa este artigo foi desenvolvida no âmbito de um projeto de pós-doutoramento financiado pela FAPESP, Processo n. 2018/14359-4, a quem a primeira autora agradece.

² E-mail: tayna.rosario@usp.br | ORCID: 0000-0001-9402-9151.

1. Introdução

Apesar de pouco explorado pelas ciências de linguagem, o pensamento de Maurice Merleau-Ponty tem muito a contribuir para o desenvolvimento de algumas propostas recentes da linguística, na medida em que oferece uma perspectiva para a caracterização do signo linguístico que ajuda a capturar o processo dinâmico e intercorporeado da significação que emerge em tempo real nas interações comunicativas.

Muito tem sido feito visando ao afrouxamento da ideia de que o objeto legítimo da linguística deve ser a *langue* (no caso do estruturalismo) ou a competência (no caso da gramática gerativa). Os estudos do discurso, a sociolinguística, a pragmática e várias teorias de gramática – como é o caso da gramática cognitiva,³ por exemplo – têm demonstrado a importância de incrementar a investigação dos fenômenos pertinentes ao uso da língua. Entretanto, como apontam McCleary e Viotti (2015; 2017), mesmo essas áreas e teorias não têm ainda se debruçado inteiramente sobre a dinâmica real da interação face a face, que se caracteriza por ser multimodal e situada, e “envolve corpos em ação, em um processo semiótico contínuo” (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p. 172).⁴

É justamente para uma linguística voltada para as interações comunicativas humanas em todo o seu aspecto de cognição, ação e intercorporeidade, e em toda a sua criatividade e inovação, que o pensamento de Merleau-Ponty pode dar uma valiosa contribuição de caráter epistemológico. Mas antes disso, parece-nos ser preciso deixar claro como a filosofia merleau-pontyana se adequa mais bem (i) a uma visão de significado mais aberta, mais flexível e mais dinâmica do que aquela entretida pelas teorias que tomam a *langue* ou a competência como seu objeto de estudo; e (ii) a uma visão de língua como uso e ação.⁵ O objetivo deste artigo é, então, o de fazer uma articulação crítica entre algumas colocações de Merleau-Ponty concernentes à linguagem humana, e algumas posições clássicas da linguística, especificamente aquelas contidas no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, justamente porque elas são não só fundadoras da linguística como ciência, como se mantêm bastante fortes ainda hoje, constituindo-

³ Ver Langacker 1987, 1991 e 2008.

⁴ Exceção deve ser feita a uma área de estudos da linguagem cujo objeto de estudo são os aspectos interacionais e multimodais da comunicação linguística presencial: trata-se da análise da conversa, uma linha de investigação da linguagem humana que nasceu no bojo da sociologia, da qual vamos falar mais adiante.

⁵ Embora essas visões sejam em alguma medida levadas em consideração pelas teorias linguísticas que têm como seu objetivo o estudo da fala e do discurso, isso ainda é feito de maneira que nos parece parcimoniosa, no sentido de que nem sempre é o *processo* semiótico que é o objeto de análise, mas, sim, o *produto* dele decorrente. Mais uma vez, exceção deve ser feita aqui aos estudos da análise da conversa, cujo interesse central é a *ação de falar*, e não o produto da fala (MCCLEARY; VIOTTI, 2017).

se como premissas de muitas teorias linguísticas contemporâneas.⁶ Procuraremos mostrar como Merleau-Ponty parte de algumas das principais ideias de Saussure indo para além delas, em direção ao entendimento de língua e significado como apresentado em (i) e (ii) acima.⁷

Apesar de Merleau-Ponty afirmar que suas posições sobre a linguagem humana foram inspiradas pelo pensamento de Saussure,⁸ na primeira seção apresentamos um argumento de Merleau-Ponty que já cria uma distância entre o filósofo e o linguista, na medida em que tal argumento dá à fala uma posição de destaque, especialmente porque é nela, e só nela, que o pensamento se constitui. Em seguida, discutimos a articulação feita por Merleau-Ponty sobre a dinâmica entre convencionalidade e criatividade. Dois pontos são ressaltados: o que é convencional, e que se equipara à *langue* do Saussure do *Curso de Linguística Geral*, é concebido não como um objeto abstrato, determinado pelo ponto de vista do cientista que o toma para seus estudos, mas como algo que se constitui a partir de várias ocorrências reais de falas, como uma prática concreta a que já estamos habituados;⁹ o que é novo, criativo, expressivo e que gera significação é a *parole*. Na sequência, apresentamos o entendimento de Merleau-Ponty sobre a situabilidade da fala: ela se constitui num mundo compartilhado de inter-relações de corpos em ação, enfatizando a pertinência das teses de corporeamento que têm sido discutidas por teorias linguísticas de base cognitiva (cf., por exemplo, LAKOFF; JOHNSON, 1999), mas indo além delas. Por fim, fazemos uma discussão sobre como o pensamento de Merleau-Ponty pode contribuir para beneficiar novas teorias linguísticas que se voltam para o estudo da fala, por dar relevo à ação conjunta das pessoas em comunicação face a face, em seu trabalho de construção de significado. A fenomenologia de Merleau-Ponty pode ser considerada como um firme alicerce para a construção de uma semiótica ampla que transcende o estudo do sentido construído pelo uso, para incluir as próprias interações humanas face a face como fator central dessa construção.

Antes de prosseguirmos, é necessário ressaltar dois pontos epistemológicos a respeito

⁶ Referimo-nos aqui não apenas às vertentes da linguística que excluem o uso de suas agendas de pesquisa, como também àquelas que, tendo o uso linguístico como seu objeto, não incluem, em suas investigações, o estudo da situação de interação da qual o uso emerge. Voltaremos a tratar delas mais adiante.

⁷ Essa posição pode sugerir que este trabalho se alinhe a visões pós-estruturalistas da linguagem. Isso talvez se justifique porque a filosofia de Merleau-Ponty e o pós-estruturalismo compartilham uma postura que pode ser considerada anticartesiana e antipositivista. Entretanto, até onde saibamos, o pós-estruturalismo explora ao máximo os ensinamentos do estruturalismo para, afinal, desconstruí-los e descartá-los. Nossa intenção aqui não é a de desconstruir as premissas saussurianas sobre as quais se assentam várias teorias linguísticas contemporâneas, mas, sim, sugerir que essas teorias se abram para perspectivas mais amplas sobre o que é a língua humana, como aquelas concebidas por Merleau-Ponty.

⁸ Ver Lagueux (1965).

⁹ Essa postura de Merleau-Ponty nos parece bastante semelhante à ideia de arraigamento, discutida por Langacker (1987; 1991; 2008).

deste trabalho. O primeiro diz respeito ao fato de que, quando pensamentos filosóficos são trazidos para o âmbito do fazer científico, o contexto geral de sua emergência não ganha a mesma relevância que lhe é atribuída pelos estudiosos da filosofia. Aqui vamos apenas ressaltar alguns aspectos do pensamento de Merleau-Ponty que nos pareceram notáveis e úteis para nossa discussão sobre a ciência linguística, sem atentar para o processo que o levou à articulação dessas ideias, ou para as inúmeras relações que elas mantêm com o restante de seu pensamento.

O segundo ponto diz respeito às discussões que vamos fazer buscando relacionar as ideias de Merleau-Ponty a alguns pensamentos apresentados no *Curso de Linguística Geral*, obra fundadora da linguística como ciência e referência de boa parte das teorias linguísticas contemporâneas. É bem sabido que o *Curso* não foi redigido por Saussure, tratando-se, na realidade, de uma compilação de anotações feitas por seus alunos durante suas aulas. Subsequentemente à publicação da obra em 1916, vários manuscritos de Saussure vêm sendo descobertos, revelando que algumas das posições assumidas no *Curso* parecem não retratar verdadeiramente o pensamento de Saussure. Não são poucas as obras que discutem o pensamento saussuriano articulado nos manuscritos e as diferenças entre ele e algumas das ideias expressas no *Curso*, consideradas como representações inadequadas do pensamento de Saussure (cf. HARRIS, 1987, p. vii). Entretanto, fora de um círculo de estudiosos que se debruçam sobre a obra geral de Saussure, os manuscritos são pouco conhecidos pela comunidade linguística. O que na verdade impactou e impacta os estudos da linguagem até hoje, e o que é sabido pela quase totalidade dos linguistas, é o conteúdo do *Curso*. Considerando que a influência nos estudos da linguagem vem não de Saussure, ele mesmo, mas do texto que seus ex-alunos publicaram, Harris afirma que não temos outra alternativa a não ser ler o Saussure apresentado no *Curso*, sob pena de não conseguirmos investigar a fonte de algumas das mais básicas noções sobre linguagem discutidas atualmente (HARRIS, 1987, p. viii). É, então, com base naquilo que se encontra no *Curso*, considerado por Harris como a Magna Carta da linguística moderna, que este artigo vai desenvolver sua argumentação. Afinal, o *Curso* é o texto, cuja leitura e re-leitura por grandes cientistas e filósofos, entre eles Merleau-Ponty, veio a se tornar parte do pensamento ocidental no século XX (HARRIS, 1987, p. x).

2. Fala e pensamento

A influência de Saussure sobre as ideias de Merleau-Ponty a propósito da linguagem humana tem sido notada na literatura filosófica (LAGUEUX, 1965; FERRAZ, 2008; RAMOS, 2009;

MOURA, 2012). O próprio Merleau-Ponty faz referência a Saussure em vários de seus trabalhos, sendo possível, em muitas passagens, notar com clareza ideias que são tributárias das colocações expressas no *Curso de Linguística Geral*, como, por exemplo, aquelas que ressaltam o caráter diacrítico das unidades linguísticas (MERLEAU-PONTY, 1954, citado em LAGUEUX, 1965; FERRAZ, 2008; RAMOS, 2009; ALLOA, 2013).

Por outro lado, algumas vezes, o pensamento de Merleau-Ponty, apesar de inspirado pelo de Saussure, parece adquirir contornos próprios, de tal modo que ele acaba por se distanciar de algumas das propostas encontradas no *Curso de Linguística Geral*. Basta dizer que, em toda a sua obra, Merleau-Ponty atribui à expressão (equiparável à *parole*, na medida em que se trata de uma ação de uso da linguagem) um lugar de grande destaque. Como é bem sabido, o Saussure do *Curso de Linguística Geral* expressamente aponta que o objeto legítimo de estudo da ciência linguística deve ser a língua (*langue*) (SAUSSURE, 2013, p. 52). Sendo assim, causa certo estranhamento a afirmação de Merleau-Ponty segundo a qual, ao tomar a fala como seu objeto de estudo, Saussure empreende uma renovação nos estudos da linguagem e uma revisão das categorias com as quais esses estudos têm operado (MERLEAU-PONTY, 1954, citado em LAGUEUX, 1965, p. 12; MERLEAU-PONTY, 2014, p. 56).

Além de não priorizar a fala como um objeto legítimo de estudos científicos, Saussure concebe a língua como um sistema abstrato e autônomo, independente dos seres que o usam. Esse sistema estruturado é composto de signos constituídos de duas faces indissociáveis – um significante e um significado (SAUSSURE, 2013, p. 105-107). Enquanto o sistema – a língua – é concebido como uma instituição social (SAUSSURE, 2013, p. 41), os signos são unidades psíquicas (SAUSSURE, 2013, p. 43). Isso não só é afirmado textualmente no *Curso de Linguística Geral*, como fica também evidenciado no famoso *Circuito da Fala*, que entende a comunicação humana como um processo psico-físico-fisiológico, pelo qual um signo existente na cabeça de um ser humano adquire qualidades de som em sua boca, saindo dela como onda sonora para entrar pelo ouvido de outro ser humano, e, de lá, chegar a seu cérebro, onde será então processado (SAUSSURE, 2013, p. 43).

Curiosamente, essa posição de Saussure se assemelha a uma das concepções de linguagem mais duramente criticadas por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção*. Trata-se de uma posição sobre a linguagem em que não se cogita da ação de um ser humano, uma posição da qual o “sujeito falante” é excluído. Por isso, pode-se dizer que o *Circuito da Fala* de Saussure se parece com aquilo que Merleau-Ponty descreve, em sua crítica, como “um fluxo de palavras que se

produzem sem qualquer intenção de falar que as governe”. Pelo que se depreende do pensamento de Merleau-Ponty, a fala, no circuito descrito no *Curso de Linguística Geral*, não poderia ser equiparada a uma ação, justamente por não manifestar as possibilidades interiores de um sujeito. É como se o homem falasse do mesmo modo como uma lâmpada elétrica se torna incandescente (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 238).

No que diz respeito ao signo e à sua constituição, Merleau-Ponty louva Saussure por entender que ele questiona a distinção entre significante e significado. Isso também causa certa surpresa. Na verdade, o entendimento que se tem a partir do *Curso de Linguística Geral* é justamente o oposto: a distinção entre as duas faces indissociáveis do signo é central para a semiótica saussuriana (cf. LAGUEUX, 1965, p. 11-12). Não só isso, mas a visão que mais bem desenvolve o *Curso de Linguística Geral* nos leva ao entendimento de que o signo – e, portanto, o significado – existe anteriormente a qualquer interação comunicativa, o que parece diferir bastante do que pensa Merleau-Ponty, como vai ser visto logo adiante.

Esse entendimento da anterioridade do significado relativamente ao uso do signo poderia, eventualmente, vir a ser posto em causa, com base no fato de que Saussure efetivamente se manifesta contrariamente a uma concepção em que a língua é equiparada a uma nomenclatura, em que ideias já prontas preexistiriam às palavras (SAUSSURE, 2013, p. 105). O *Curso de Linguística Geral* deixa claro o entendimento de que não existem ideias que antecedam à língua. A língua cria divisões em uma massa amorfa e caótica de pensamento, que, assim decomposto em significados, se torna mais preciso (SAUSSURE, 2013, p. 159-160). Ideias, portanto, não antecedem a formação do signo; elas são decorrência da formação do signo. É a língua, com seus signos, que constitui as ideias e cria a nossa realidade. Entretanto, o que é preciso enfatizar sobre essa posição de Saussure é que os conceitos resultantes do recorte na massa amorfa do pensamento constituem-se com unidades da *langue*. Além disso, nada em Saussure indica que a constituição do signo ocorra durante a prática da fala. O que Saussure está dizendo é que não existem conceitos antes da constituição do signo. Mas quando o signo é posto em uso na fala, seu significado já está lá. Signo e significado, então, são concebidos como estando prontos para o uso, antecedendo a fala. E isso parece em grande medida diferir do que Merleau-Ponty pensa a respeito da emergência do significado. Para ele, não há um pensamento anterior à expressão – ou seja, não há pensamento antes do uso linguístico. Como é na própria fala que o pensamento passa a existir e vem a se tornar verdadeiramente nosso, ela não pode ser considerada uma segunda dimensão – ou seja, a fala não é o simples uso de signos que carregam conceitos ou pensamentos

formatados pela língua: a fala de alguém é seu pensamento (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 245). Ela não traduz um pensamento já feito, mas é a consumação de um pensamento que não estava feito antes dela (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 243), nem fora nem dentro do signo; ela não é o “signo” do pensamento (MERLEAU-PONTY, 2006, 247). Palavra e fala não podem ser concebidas como uma maneira de designar um objeto ou um pensamento que lhes sejam preexistentes; ao ser usadas, palavra e fala se tornam “a presença desse pensamento no mundo sensível e, não sua vestimenta, mas seu emblema ou seu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 247).

Buscando uma analogia entre a música e a linguagem, Merleau-Ponty diz:

“A significação musical da sonata é inseparável dos sons que a conduzem: antes que a tenhamos ouvido, nenhuma análise permite-nos adivinhá-la; uma vez terminada a execução, só poderemos, em nossas análises intelectuais da música, reportar-nos ao momento da experiência; durante a execução, os sons não são apenas os “signos” da sonata, mas ela está ali através deles, ela irrompe neles”. (Merleau-Ponty, 2006, p. 248).

Do mesmo modo, a significação linguística só é possível uma vez que a língua seja usada, e sua análise só pode ter como base a execução desse uso.

Ainda nessa mesma direção, ao assemelhar a fala a um gesto, Merleau-Ponty diz que qualquer pessoa que veja um gesto ser produzido não procura nem em si, nem em sua experiência interna, o sentido dos gestos que observa. Tomando como exemplo um gesto de cólera, devemos ter em mente que a cólera não é percebida como um fato psíquico que se esconde por detrás do gesto. O gesto não nos conduz a uma ideia de cólera. Aquele gesto, naquele momento, naquela situação, é a cólera (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 250-251).

Na linguagem, o mesmo acontece. A fala – que é gesto – faz a significação existir (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 248). A significação relevante e plena não existe antes do uso da língua em comunicação; ela emerge nas palavras em uso, ela desponta na fala.

Em suma, embora essa posição possa, como já visto, ser superficialmente reminiscente da visão de Saussure de que não há pensamentos preexistentes à língua, é preciso notar que há duas diferenças cruciais relativamente ao que diz Merleau-Ponty: (i) Saussure está tratando da *langue*, enquanto Merleau-Ponty está tratando da *fala* (expressão); e (ii) como, para Saussure, o signo se constitui na *langue*, ele já traz em si o significado no momento em que é posto em uso na fala; diferentemente, para Merleau-Ponty é só na fala que o pensamento se constitui; é na expressão,

na ação de um sujeito, que emerge o significado.¹⁰

Essa afirmação de Merleau-Ponty precisa ser bem esclarecida. Ela não só vai totalmente de encontro ao entendimento de que signos linguísticos são formados por um significado que lhes é inerente, como também parece ter uma dimensão que vai além daquilo que tem sido considerado o *significado pragmático*, qual seja, aquele que se incorpora ao significado inerente às expressões linguísticas, quando a língua é posta em uso em um determinado contexto. Nas seções seguintes, vamos ver como é que Merleau-Ponty desenvolve essa ideia dinâmica de significação.

3. A fala falada e a fala falante: convencionalidade e criatividade linguísticas

Se o uso da linguagem não passasse de um mecanismo que permitisse a cada consciência reproduzir pensamentos já anteriormente constituídos, não transmitiríamos nada a qualquer outra pessoa em nossas interações comunicativas. O que experimentamos, por outro lado, é uma capacidade de ir além do que aquilo que habitualmente pensamos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 243). Como visto na seção anterior, Merleau-Ponty propõe, então, que a fala (*expressão*) seja entendida como a atividade por meio da qual o sentido passa a existir, como a realização de um pensamento que não estava feito antes dela. Dentro desse quadro, os signos devem ser concebidos como tendo um sentido que, no entanto, não está previamente contido neles. O pensamento não tem significações a seu dispor: o pensamento justamente faz significar. A fala, então, é o esforço que fazemos para tentar chegar ao sentido: Merleau-Ponty propõe que falamos justamente porque ainda não sabemos o que queremos dizer. Se todas as significações já

¹⁰ O *Curso de Linguística Geral* revela, por vezes, uma certa tensão a respeito de como a *langue* se constitui e, conseqüentemente, a respeito de como a natureza do signo linguístico deve ser entendida. No Capítulo I da Primeira Parte, Saussure afirma que a língua elabora suas unidades (os signos), constituindo-se entre duas massas amorfas, a do pensamento e a dos sons (SAUSSURE, 2013, p. 159). Isso nos parece estar em plena consonância com a postura epistemológica assumida por Saussure desde o início do *Curso*, segundo a qual o objeto da linguística – qual seja, a língua – é um objeto criado por um ponto de vista. Trata-se, portanto, não de um objeto dado previamente, mas um objeto determinado por um viés de análise escolhido pelo cientista. De acordo com essa visão, língua e signos são objetos teóricos, determinados e definidos no âmbito de um raciocínio particular. Essa ideia nos parece diferente daquela que se pode ter a partir de outras breves passagens do *Curso*, que consideram a língua como um “tesouro depositado pela prática da fala...” (SAUSSURE, 2013, p. 45), e que, historicamente, o fato da fala teria vindo antes da língua. Saussure diz: “Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início essa associação num ato de fala?” (SAUSSURE, 2013, p. 51). Essa segunda postura levaria ao entendimento de que Saussure atribui à fala a constituição do signo, sendo a língua o resultado de uma operação de abstração feita a partir das experiências comunicativas humanas. A despeito dessa dupla possibilidade de explicação para a constituição do signo e formação da língua, parece-nos que o entendimento que a linguística vem explorando mais centralmente é o primeiro, qual seja o de que a língua é um objeto teórico resultante de um ponto de vista estabelecido pelo cientista, e de que os signos, igualmente, são frutos de recortes arbitrariamente impostos pela língua, feitos em substâncias de pensamento e sons.

estivessem dadas, não haveria comunicação: eu só compreenderia o que eu já sei ou o que eu mesmo pensei.

Essas afirmações levam necessariamente à seguinte pergunta: se o significado só emerge nas palavras em uso, como é que as pessoas podem chegar a um entendimento compartilhado? Essa é uma das questões centrais de toda a área de estudos da linguagem que se volta para a investigação das interações comunicativas, do processo de coordenação da atenção que elas envolvem, e da construção de significado, em tempo real, que ocorre à medida que a interação se desenvolve.¹¹

A ideia de Merleau-Ponty é a seguinte: para que eu compreenda meu interlocutor, para que novos sentidos construídos no discurso sejam inteligíveis e a comunicação não seja ilusória, é preciso partir de um vocabulário e de uma sintaxe comuns ao ouvinte e ao falante. É sobre esse campo intersubjetivo, que Merleau-Ponty chama *fala falada*, que o novo sentido se constrói. Uma fala bem-sucedida, aquela que cria um sentido, “abre para nossa experiência um novo campo ou uma nova dimensão” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 248). Essa fala criativa se chama *fala falante*. Ela é a linguagem que “se faz no momento da expressão, que vai justamente fazer-me passar dos signos ao sentido” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 39). A *fala falada*, por outro lado, consiste em significações já formadas, em expressões que, uma vez já bem-sucedidas e falantes, sedimentaram-se e agora “não exigem de nós nenhum esforço verdadeiro de expressão e não exigirão de nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 25). Essa fala falada, cotidiana e banal, no entanto, é o solo sem o qual seria impossível construir uma significação nova. Ela é esse terreno compartilhado, comum a todos os participantes de uma comunicação, sobre o qual será construído o sentido novo. A fala falada reflete a convencionalidade linguística.¹² Trata-se da “linguagem [...] que desaparece diante do sentido do qual se tornou portadora” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 39). Sobre ela assenta-se a criatividade linguística.

Dessa maneira, constitui-se um ciclo dinâmico. É a partir das expressões genuínas – ou seja, da fala falante – que se forma nossos mundos linguístico e cultural. Entretanto, essas expressões, quando incorporadas por esses mundos, deixam de realmente exprimir algo e se

¹¹ Ver Reddy (1979); Clark (1996); Tomasello (2003; 2008); McCleary e Viotti (2015; 2017), entre outros.

¹² De novo aqui, pode-se notar que Merleau-Ponty lida com temas que permeiam o pensamento de Saussure, como o da convencionalidade linguística. Entretanto, há, uma vez mais, uma diferença entre a concepção de Saussure e a de Merleau-Ponty. Para o filósofo, a convencionalidade é fruto de um processo de uso que, em algum momento anterior, foi criativo e não convencional. Não se trata, como em Saussure, de um recorte arbitrário de uma massa amorfa de pensamento e de sons que antecede ao uso, mas, sim, de um hábito gerado pelo próprio uso linguístico.

tornam fala falada, formando um saber intersubjetivo sobre o qual vão se assentar novas falas em construção (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 253).¹³ Sendo assim, “entre uma abordagem que vê a linguagem como a operação de traduzir uma ideia (o intelectualismo, ou seja, a noção de que o significado pré-existe à linguagem) e outra na qual cada ato de fala é apenas a realização de um esquema linguístico (o empirismo, ou seja, a ideia de que os atos de fala aconteceriam a partir de uma tábula rasa), Merleau-Ponty defende a ideia de uma linguagem *em construção*” (ALLOA, 2017, posição 1033,¹⁴ tradução e grifos nossos).

N’*A Prosa do Mundo* essa perspectiva é retomada a partir do estudo da linguagem literária, enfatizando a ideia de que o significado é fundamentalmente um processo dinâmico. Em relatório endereçado a Martial Gueroult, Merleau-Ponty sintetiza a proposta daquela obra, publicada postumamente: abordar o problema do pensamento e da linguagem pelo seu lado menos abrupto, qual seja, a dimensão literária. Ele acredita que “nesse domínio, é mais fácil mostrar que a linguagem jamais é a simples vestimenta de um pensamento que se conhece a si mesmo com toda a clareza” (MERLEAU-PONTY citado em LEFORT, 2014, p. 12).

Merleau-Ponty abre *A Prosa do Mundo* opondo-se a duas concepções de linguagem muito difundidas, encontradas não só no senso comum, como também nas ciências e mesmo na literatura. Uma delas é a noção de uma linguagem que se volta para fora de si, que “nos livraria dela mesma ao nos entregar às coisas” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 30). No senso comum, podemos observar essa concepção na ideia de que a linguagem atinge seu auge nos casos em que nos remete diretamente a objetos, a acontecimentos ou a estados de coisas. A oposição de Merleau-Ponty a essa noção já se faz notar na *Fenomenologia da Percepção*, quando ele afirma que “a fala não é o ‘signo’ do pensamento, se entendemos por isso um fenômeno que anuncia outro, como a fumaça anuncia o fogo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 247). O que Merleau-Ponty quer dizer com isso é que a linguagem não é puramente indexical; ou seja, ela não existe apenas para fazer referências externas, para apontar para objetos e fatos do mundo.

A segunda noção de linguagem que Merleau-Ponty descarta é aquela que, contrapondo-se à primeira, volta-se para si mesma, podendo ser considerada uma “linguagem à segunda potência” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 29). Trata-se de uma linguagem que se constrói sobre si, na qual as palavras respondem a palavras em lugar de designar objetos diretamente. Para Merleau-Ponty, essa noção de linguagem seria apenas uma variação da primeira. Ainda que a linguagem

¹³ Voltaremos a falar da intersubjetividade para Merleau-Ponty na próxima seção.

¹⁴ Trata-se da versão digital do livro.

possa exprimir algo que nunca antes tenha sido dito, ela o faria através de elementos anteriores à sua expressão, de forma que exprimir não passaria de substituir uma percepção ou ideia por um signo que a elas se refere.

Ou seja, enquanto a primeira noção de linguagem não é considerada adequada por entender que signos expressariam pensamentos, ideias ou percepções de objetos, acontecimentos e estados de coisa no mundo, a segunda igualmente falha por entender que signos expressariam outros signos que, por sua vez, expressam pensamentos, ideias ou percepções de objetos. Em ambas, estamos próximos da fala falada.

Merleau-Ponty observa que a noção de linguagem usualmente utilizada pelos estudos literários não se diferencia dessas. O entendimento tradicional é o de que a literatura busca a expressão que venha a traduzir exata e perfeitamente nossos pensamentos. Trata-se de uma noção que concebe uma linguagem em busca de uma semelhança com as ideias que exprime e com as coisas a que se refere: uma linguagem que viria das próprias coisas e seria, assim, um substituto do ser (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 33). Aceitar essa noção de uma “linguagem das coisas” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 34) implica encontrar, na fala dos outros, apenas aquilo que nós mesmos colocamos nela: nada seria de fato comunicado, apenas reconheceríamos signos que designam pensamentos já disponíveis para nós. Se as palavras nos livram de si para nos entregar as coisas, é preciso que já tenhamos acesso àquilo que pode nos ser entregue. Compreenderíamos o que nos é dito apenas por já conhecer de antemão o significado de cada palavra. Estaríamos, constantemente, no domínio da fala falada.

Entretanto, Merleau-Ponty observa que essa não é a experiência que temos da linguagem. A virtude da linguagem está justamente em nos dar acesso, para além das palavras, ao pensamento do outro, que, como visto na seção anterior, sequer existe antes de ser expresso. E é por isso – e não por os signos designarem exatamente aquilo a que se referem convencionalmente – que, ao se tornar expressão (fala), a linguagem se faz esquecer: as expressões linguísticas nos projetam para longe delas. Na literatura, em um mesmo ato, há um recebimento e uma doação: contribuímos com o sentido das palavras e com nossas experiências, mas a literatura não fala apenas do que conhecemos – ela se serve desses elementos para nos levar para além. Ela é a fala falante. Merleau-Ponty diz:

“... o livro não me interessaria tanto se me falasse apenas do que conheço. De tudo que eu trazia ele serviu-se para atrair-me para mais além. Graças aos signos sobre os quais o autor e eu concordamos, porque falamos a mesma língua, ele me fez justamente acreditar que estávamos no terreno já comum das significações adquiridas e disponíveis. (...) Depois, imperceptivelmente, desviou os signos de

seu sentido ordinário, e estes me arrastaram como um turbilhão para um outro sentido que vou encontrar.” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 40-41).

A fala falante aparece, em literatura, no momento em que há uma inversão: da fala falada – aquela “massa das relações de signos estabelecidos com significações disponíveis [...] que constitui a língua e o conjunto de escritos dessa língua” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 42-43) – passa-se ao momento da expressão, ao momento da fala falante, em que o livro se apodera do leitor desprevenido, interpelando-o; a partir de “um certo arranjo de signos e das significações já disponíveis [o livro] passa a alterar e depois transfigurar cada um deles, até finalmente secretar uma significação nova” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 42-43).

Aí reside o poder da linguagem: nessa fala falante, uma “linguagem operante ou constituinte que aparece quando a linguagem constituída [a fala falada], subitamente descentrada e privada de seu equilíbrio, ordena-se de novo para ensinar ao leitor – e mesmo ao autor – o que ele não sabia pensar nem dizer.” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 45). Esse poder que tem a linguagem está em seu presente, no tempo em que as palavras dizem mais do que jamais disseram. É só aí, nesse momento, que algo é realmente adquirido.

Se, por um lado, Saussure propõe que a ciência da linguagem priorize o entendimento da *langue*, um sistema de signos de natureza homogênea, “uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares” (SAUSSURE, 2013, p. 148) – a fala falada –, Merleau-Ponty, de um outro ponto de vista, observa que não é aí que reside a maravilha da linguagem; ela está, sim, no momento em que a linguagem está em uso, quando ela é recolocada no presente, fazendo emergir criativamente um número infinito de empregos, quando nós somos orientados para um “além da linguagem”, que não pode ser entendido nem pelo seu começo, nem pelo seu fim, mas pelo seu “fazer” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 84); ou seja, para Merleau-Ponty, a maravilha da linguagem está na fala falante (equiparável à *parole*, na medida em que é uso).

Apesar de Merleau-Ponty insistir que é para a fala falante que nossa atenção deve se dirigir, ele não deixa de articular a relação que existe entre ela e a fala falada (equiparável à *langue*). Essa articulação não nos parece ter sido largamente explorada no *Curso de Linguística Geral*, de Saussure. Mesmo reconhecendo a interdependência entre *langue* e *parole*, Saussure as trata como objetos distintos, como dois caminhos que devem ser seguidos separadamente

(SAUSSURE, 2013, p. 51).¹⁵ Merleau-Ponty, por outro lado, observa que, para ser compreendida, a fala falante precisa ser natural e aceita pela coletividade, apoiando-se em padrões habituais (a fala falada);¹⁶ mas ela não deve ser idêntica a eles: daí vem seu poder de expressão.

Ressaltando o dinamismo dessa articulação entre fala falada e fala falante, Merleau-Ponty diz:

“Exprimir-se é portanto um empreendimento paradoxal, uma vez que supõe um fundo de expressões aparentadas, já estabelecidas, e que sobre esse fundo a forma empregada se destaque, permaneça suficientemente nova para chamar a atenção. Trata-se de uma operação que tende à sua própria destruição, uma vez que se suprime à medida que se propaga, e se anula se não se propaga. Assim, não se poderia conceber uma expressão que fosse definitiva, pois as próprias virtudes que a tornam geral a tornam ao mesmo tempo insuficiente.” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 75).

Contra a ideia de que a expressão seja definitiva, está também a ideia de Merleau-Ponty de que a fala falante se constrói intersubjetivamente. Ou seja, o que ela tem de inovador, o pensamento que ela cria, e seu caráter original e singular emergem no espaço compartilhado por corpos em interação comunicativa. É disso que trata a próxima seção.

4. Eu e o outro: corpos situados, compartilhando da emergência do significado

Até a seção anterior, as ideias de Merleau-Ponty que apontamos, embora se caracterizem por vir de uma perspectiva inovadora, podem ser consideradas como aproximações ou interpretações diferenciadas de noções entretidas pela linguística desde o *Curso de Linguística Geral*. Nesta seção, vamos ver como Merleau-Ponty desenvolve uma ideia pouco explorada no âmbito da linguística. Trata-se de uma ideia já delineada na *Fenomenologia da Percepção*, que diz respeito ao fato de que as experiências sensíveis não são privadas; elas são vividas em um campo compartilhado intersubjetivamente. Isso significa que a linguagem humana, na medida em que é

¹⁵ Um deles, o da *parole*, como é bem sabido e já mencionado aqui, não é considerado como um caminho legítimo para a construção de uma ciência da linguagem (SAUSSURE, 2013, p. 41). O mesmo pode-se dizer da gramática gerativa: o interesse está na competência, a performance é descartada como um objeto de interesse científico, e, conseqüentemente, a articulação entre esses dois aspectos da linguagem não se torna foco da atenção dos estudiosos da área.

¹⁶ É possível fazer aqui um paralelo com uma das ideias caras à fenomenologia – a de Heidegger (1988), em particular – que é a de que o mundo que nos cerca, quando nos sentimos confortáveis nele e engajados com ele, é não obstrutivo, não pensado. O mundo não se mostra para nós; ao contrário, ele se retira. Como observa Noë (2012, p. 7-8), esse mundo que é dado para nós, que é não pensado, que é não mediado, que é uma disponibilidade não tematizada poderia, em princípio, ser considerado uma “ausência”, que está em forte contraste com a “presença” de coisas e objetos que fazem parte de nosso pensamento e de nossa experiência em um determinado momento. Da mesma maneira, a fala falada seria a linguagem disponível, não tematizada – a “ausência”; a fala falante, por outro lado, seria a “presença”, o nosso pensamento corrente.

uma experiência sensível, não deve ser considerada nem um elemento psíquico ou cognitivo, nem um elemento social abstrato, desvinculado de uma participação ativa e real entre indivíduos.

Como visto acima, Merleau-Ponty entende que o pensamento se cria por meio de um jogo que parte dos significados cristalizados da fala falada, gerando sentidos inéditos que não só se expressam, mas de fato se constituem por meio da fala falante. Essa acessibilidade aos significados disponibilizados pela fala falada suscita a ilusão de que haveria um pensamento interno, próprio de cada indivíduo. Diferentemente, a filosofia de Merleau-Ponty ressalta o caráter eminentemente situado das experiências humanas, que, por sua vez, está atrelado ao entendimento de que nossas experiências são não só corporeadas, mas fundamentalmente intersubjetivas (GALLAGHER, 2009, p. 44). A ideia de intersubjetividade é central para toda a fenomenologia e é radical, no sentido de que o entendimento não é o de que as pessoas primeiro desenvolvem noções e conceitos em suas consciências individuais para, em seguida, compartilhá-los com outros indivíduos (como sugere o circuito da fala do *Curso de Linguística Geral*). Para os fenomenólogos, nosso mundo é, já de início, intersubjetivo (SCHUTZ, 1971, citado em LIBERMAN, 2011, p.75). Não há um mundo meu e um mundo do outro: o mundo é sempre conjunto e compartilhado, e, como tal, emerge sempre *ex novo* em cada situação experienciada.

Merleau-Ponty entende intersubjetividade em termos do que ele chama *intercorporeidade*. É com o corpo que experienciamos o mundo e é com ele que agimos; é o corpo que provê um enquadramento “espacial” em que nossas experiências se desenvolvem. Esse poderia ser considerado um ponto de aproximação entre Merleau-Ponty e teorias linguísticas que se fundam na tese da cognição corporeada (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1999). Mas Merleau-Ponty vai além. Esse enquadramento de que ele fala não pode ser entendido como a espacialidade de *posição*, que é aquela que caracteriza os objetos, mas, sim, como uma espacialidade de *situação*: o corpo aparece para nós como uma postura que se determina não por uma posição física, mas por relação a uma certa tarefa (ou ação) atual ou possível. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 146).

Situação envolve naturalmente não só espaço, mas ação e temporalidade. Merleau-Ponty diz:

“Se o espaço corporal e o espaço exterior formam um sistema prático [...], é evidentemente na ação que a espacialidade do corpo se realiza, e a análise do movimento próprio deve levar-nos a compreendê-la melhor. Considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente...” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 149).

O que se encontra no mundo não é um “eu” observador dos objetos do entorno; não existe

uma consciência explícita, conceitual ou reflexiva de mim mesmo ou de meu corpo, quando estamos engajados em nossas ações cotidianas. A situação não se apresenta diante de mim como um objeto a ser observado e apreciado pela consciência; eu estou em uma situação e ela me *afeta* antes que eu tenha conhecimento dela. Esse afetar/ser afetado está na base da intersubjetividade (cf. GALLAGHER, 2009, p. 43-44). Há uma espécie de ‘identidade’ entre atividade-passividade, a que Merleau-Ponty se refere como *quiasma*: falar-ouvir, ver-ser visto, perceber-ser percebido. Não se trata de uma percepção que se tem de alguma coisa: “... a percepção se forma *nas próprias coisas*” (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 265-266).¹⁷

De acordo com essa visão, para Merleau-Ponty nosso acesso aos outros não se dá por inferência ou analogias, mas, sim, porque há uma inter-relação entre corpos – os nossos e os dos outros – mediadas pelas percepções que temos das ações uns dos outros. Sendo constantemente “afetados” pelas ações dos outros, e, ao mesmo tempo, “afetando” os outros por meio de nossas ações, vivemos situados na intersubjetividade (GALLAGHER, 2009, p. 44-45).

Para ilustrar esse entendimento, Merleau-Ponty faz uso da seguinte observação: se eu coloco, por brincadeira, o dedo de um bebê entre meus dentes como se fosse mordê-lo, o bebê abre sua própria boca simultaneamente. Essa pretensa mordida tem, para ele, uma significação intersubjetiva: ele percebe suas próprias intenções em seu corpo, com seu corpo percebe meu corpo, e, assim, percebe, em seu corpo, as minhas intenções. Ao perceber o meu corpo, o bebê encontra ali um prolongamento de suas intenções. O corpo do bebê e o meu se tornam um único todo. É esse esquema corporal que faz com que um bebê aprenda a usar os objetos em seu entorno a partir da percepção que tem da ação que outros fazem ao usar esses objetos; há uma correspondência imediata entre aquilo que a criança vê fazer e aquilo que ela faz. Pelo nosso corpo e por suas capacidades sensoriais, já estabelecemos uma comunicação com os outros:

“[...] todo uso de nosso corpo já é ‘expressão primordial’, ou seja, não o trabalho secundário que substitui o exprimido por signos [...], mas a operação que primeiramente constituiu os signos como signos, faz habitar neles o exprimido – não sob a condição de alguma convenção prévia, mas pela eloquência de seu próprio arranjo e de sua configuração –, implanta um sentido naquilo que não o tinha [...]” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 140).

Quando temos a percepção de um corpo agindo sobre algum objeto, damos nova

¹⁷ Tradução nossa. O grifo é do autor.

significação a esse objeto: ele deixa de ser um objeto entendido como aquilo que eu poderia fazer com ele, e passa a ser entendido como aquilo que o comportamento do outro corpo vai fazer com ele. O corpo do outro passa a ser um prolongamento de nossas intenções (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 471; p. 474):

“... não haveria outros para mim [...] se eu não tivesse um corpo e eles não tivessem um campo pelo qual pudessem penetrar em meu campo, multiplicá-lo por dentro, e mostrar-se a mim expostos ao mesmo mundo, às voltas com o mesmo mundo que eu.” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 226).

É nesse sentido que o corpo de alguém, em sua característica de ser veículo de um comportamento, deve ser considerado o “primeiro dos objetos culturais” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 467).

Merleau-Ponty assume que essa ideia de intersubjetividade (intercorporeidade) se revela como problemática apenas para adultos que vivem pressionados a desenvolver uma objetividade no nível da racionalidade. As crianças, diferentemente, não fazem uma separação entre aquilo que seria uma consciência de si mesmo e uma consciência do outro. Em consequência, para elas tudo é acessível a todos:

“Para [a criança], os homens são cabeças vazias dirigidas a um único mundo, um mundo evidente em que tudo se passa, [...] mesmo o pensamento, já que ele não é distinguido das falas” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 475).

Apesar de os adultos viverem às voltas com a construção de objetividades racionais, esse saber das crianças, esses “pensamentos bárbaros da primeira idade” permanecem nos adultos, subjacentes a seus juízos, como uma certeza de que, antes de qualquer “tomada de posição voluntária”, nós já estamos situados em um mundo intersubjetivo.

Nesse quadro, a linguagem, que, como o corpo, é um importante objeto cultural, desempenha um papel essencial. Nas interações comunicativas humanas, os pensamentos das pessoas nelas envolvidas que, como vimos, são sempre emergentes em falas falantes, formam um único pensamento, uma única coexistência intersubjetiva (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 474-5):

“[...] o falar e o compreender são os momentos de um único sistema eu-outrem, e o portador desses sistema não é um ‘eu’ puro [...], é o ‘eu’ dotado de um corpo e continuamente ultrapassado por esse corpo, que às vezes lhe rouba seus pensamentos para atribuí-los a si ou para imputá-los a um outro. Por minha linguagem e por meu corpo, sou acomodado ao outro.” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 50).

Sem esse terreno comum intersubjetivo, sem essa ‘situacionabilidade’, não há significação possível. Tanto é assim que, enquanto a criança está adquirindo sua primeira língua, o uso

linguístico a que ela é exposta não tem nenhum poder sobre ela; apesar de ela ouvir nossas falas, ver nossas gesticulações, observar nossas risadas, não há, para ela, nada atrás das palavras e dos gestos; nada verdadeiramente acontece. A linguagem só vai passar a fazer sentido a partir do momento em que o uso linguístico se constituir como uma situação em que a criança esteja imersa (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 537).

É por esse motivo que, diferentemente do que o *Circuito da Fala* da Saussure nos leva a entender, a psicologia enfatiza que falar não é evocar imagens verbais e articular os sons correspondentes às imagens sonoras. A psicologia moderna “elimina a palavra como representação, como objeto da consciência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 540). Conhecer um signo não é, portanto, ter uma imagem mental associada a ele; conhecer um signo é usá-lo em uma determinada situação intersubjetiva; o significado do signo não se limita a um conjunto dos atributos do objeto a que ele se refere, mas é, “antes de tudo o aspecto que o objeto assume em uma experiência humana” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 540). Nós mergulhamos na fala, e aprendemos o sentido de cada signo como aprendemos a usar qualquer ferramenta: usando-o em uma determinada situação.

Por isso, apesar de não podermos negar a existência da fala falada, não podemos concebê-la como um objeto da consciência individual isolado de um corpo vivido.¹⁸ / ¹⁹ Toda fala emerge como fala falante no terreno comum, público, situado e experienciado das intercorporealidades. Ao se tornar fala falada, um hábito que passa a servir como suporte para a elaboração de novas falas e novos pensamentos, ela carrega junto consigo as experiências prévias de constituição de intercorporealidades no âmbito das quais ela própria emergiu. O ser humano não vive num vácuo: ele está sempre situado em um tempo e em um lugar, que, por sua vez, estão relacionados a todos os tempos e lugares de todas as experiências vividas por ele.

¹⁸ A fenomenologia é considerada uma filosofia do *corpo vivido* (*Leib*), no sentido de que o ser humano não é visto como um polo de individualidade, desprovido de todo o resto, mas como um ser concreto, com hábitos, interesses, crenças e habilidades resultantes de sua experiência acumulada. Ele deve ser visto como alguém que pertence ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*), cuja essência é ser intersubjetivo e experienciado (THOMPSON, 2007, p. 29).

¹⁹ Saussure tampouco assume que a *langue* – correlata da fala falada – seja um objeto da consciência individual; para ele, ela é antes uma instituição social. Entretanto, como a *langue* é um objeto abstrato, criado a partir de um ponto de vista epistêmico-metodológico, parece-nos que ela é concebida, no *Curso de Linguística Geral*, como totalmente apartada de corpos vividos. A gramática gerativa, por outro lado, considera a competência como sendo uma entidade de natureza mental, que, naturalmente, tem relações com o cérebro, mas que pode ser considerada como completamente separada de um *corpo vivido*.

5. Discussão

É certo que, desde que a linguística se constituiu como ciência, tem havido reações às posições categóricas que excluem a fala de seu âmbito de investigação. Fenômenos como os de dêixis, por exemplo, têm mostrado, há muito tempo, que não estudar o uso linguístico em contexto constitui uma limitação ao entendimento do que é a linguagem humana. A variação é outro fenômeno linguístico que aponta para a necessidade de investigação da fala e, para além dela, dos fatores sociais que determinam suas diferentes manifestações. Mesmo assim, nem a pragmática – área que se define como aquela cujo objetivo é o estudo da dêixis e do uso linguístico em geral – nem a sociolinguística – área que tem como alvo a descrição da variação – dedicam-se, em suas versões mais conhecidas e divulgadas, à discussão de aspectos relacionados à interação humana de um ponto de vista tão inovador como aquele proposto por Merleau-Ponty.²⁰

A sociolinguística laboviana, em suas origens, incorporou a variação ao sistema da *langue*, que continua a ser definido como um sistema ordenado, mas, agora, heterogêneo (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006). De acordo com essa visão, as inovações trazidas pela fala falante seriam rapidamente integradas à fala falada talvez como variações desta, de modo a poder ser estudadas a partir do mesmo arcabouço teórico-metodológico da linguística estrutural. Toda a criatividade que Merleau-Ponty aponta como sendo o grande tesouro da fala expressiva e a ideia de que é dela que emerge o próprio pensamento não fariam parte do interesse dessa área de estudos que toma a fala como seu objeto. Seu foco parece estar antes na correlação de diferenças fonéticas e morfossintáticas a fatores macro-sociais, do que propriamente na interação comunicativa que é o habitat natural da fala falante. Como aponta Liberman,

“...a pesquisa linguística tem avançado por meio de [...] um método que, por um lado, não oferece oportunidade para testemunhar o livre e feliz acaso do trabalho de escuta colaborativa, e que, por outro, estruturalmente falha em capturar o contexto social do evento de conversar. E isso acontece mesmo quando a pesquisa recebe o rótulo de “sociolinguística”.” (LIBERMAN, 2011, p. 87)^{21 / 22}

²⁰ Não queremos dizer com isso que não haja outras áreas da linguística que não se interessem pelo uso da língua em interação. Curiosamente, essas áreas surgiram não no âmbito da linguística propriamente, mas a partir de outros domínios de saber. Como já mencionado, a análise da conversa, que tem sua origem no campo da sociologia, configura-se como um exemplo de área que tem por foco a investigação da dinâmica da interação social durante encontros comunicativos. Ver notas de rodapé 4 e 5. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

²¹ Tradução nossa.

²² Ao fazer referência ao ‘contexto social do evento de conversar’, Liberman está justamente ressaltando o fato de que a sociolinguística tradicional não tem como foco os micro-eventos sociais, quais sejam, as interações humanas localmente consideradas, atendo-se a fatores sociais que caracterizam grupos maiores, como comunidades de fala.

A pragmática, por seu lado, mesmo tendo surgido a partir da constatação de que alguns signos – os dêiticos, em particular – e os enunciados de forma geral só têm sua significação determinada por completo quando se leva em consideração o contexto em que são usados, normalmente tem mais interesse nas inferências lógicas que se obtêm a partir dos enunciados, do que propriamente na emergência desse espaço intersubjetivo/intercorporeado que ocorre nos encontros entre seres humanos.

Além disso, como apontam McCleary e Viotti (2017), a pesquisa na área da pragmática é feita, em geral, a partir de textos escritos, que, comparativamente a interações face a face, têm um contexto enunciativo peculiar. Por um lado, autores e leitores são apenas inferências que fazemos a partir do texto; por outro, as figuras que interagem no texto – narrador-narratário e personagens – são criadas pelo texto.²³

Ao ressaltar a importância do corpo situado para a emergência do significado, Merleau-Ponty não só chama a atenção para a necessidade do estudo das reais interações comunicativas, como também salienta a relevância das interações face a face para o entendimento da linguagem humana.²⁴ Mesmo teorias linguísticas que têm como base a tese da cognição corporeada, como é o caso da linguística cognitiva mencionada acima, em geral não têm como seu objeto o estudo das comunicações presenciais, preferindo, tanto quanto a sociolinguística e a pragmática, estudar o *produto* das interações, e não o *processo* dinâmico, intersubjetivo/intercorporeado em que elas se constituem. Não muito distante do pensamento de Merleau-Ponty, a tese da cognição corporeada que fundamenta a linguística cognitiva entende que nossa mente não é independente do nosso corpo, especialmente de nossas capacidades perceptuais e motoras. Nossas conceitualizações estariam, então, inexoravelmente ancoradas em nosso aparato sensório-motor, fonte de nossas percepções, de nossa movimentação, e de nossa forma de lidar com as coisas (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 16-17). Sendo assim, seria natural que a linguística cognitiva tivesse um interesse particular pela investigação dos processos intercorporeados que estão na base das interações comunicativas. Entretanto, embora a linguística cognitiva se dedique ao estudo de várias

²³ Esse distanciamento da pragmática em relação à interação é característico dos estudos mais fortemente vinculados às bases fundadoras da área, como aquelas propostas pelos seminais trabalhos de Austin (1962) e Grice (1975), entre outros. Há, no entanto, no âmbito da psicologia, estudos de interesse da área de pragmática, como é o caso Clark (1996) e Tomasello (2003; 2008) entre outros, que se debruçam precisamente sobre o uso da língua em interação aproximando-se, nesse sentido, da filosofia de Merleau-Ponty. Voltaremos a mencioná-los mais adiante.

²⁴ Tendo como objeto de estudo a interação social, a análise da conversa é a área da linguística que, no momento, possivelmente apresenta mais afinidade com a fenomenologia de Merleau-Ponty, justamente porque tem seu interesse voltado para o processo internacional que se constitui como o alicerce do uso linguístico. Ver a nota de rodapé a seguir.

manifestações linguísticas que são bem explicadas por meio da tese da cognição corporeada, como é o caso de metáforas, de relações de figura e fundo, de questões relacionadas à representação espacial; e embora ela reconheça a grande contribuição dada por Merleau-Ponty para a tese do corporeamento (JOHNSON, 2007), seu olhar ainda se centra mais nas configurações físicas e espaciais do corpo, do que em sua situabilidade. A intercorporeidade situada, subjacente às interações humanas, não tem tido ainda lugar de destaque em seu projeto de pesquisa (MCCLEARY; VIOTTI, 2017).

Se mesmo áreas de estudos da linguagem que enfatizam o uso da língua, atentando para seus aspectos macro-sociais e sua base corporeada, ainda se mantêm distantes de investigações que visam à descrição da emergência das falas falantes a partir de intercorporealidades situadas, a pergunta a fazer é por quê. Historicamente, a resposta poderia estar na dificuldade tecnológica de capturar as interações comunicativas humanas em sua inteireza e situabilidade, para fins de documentação e análise. Hoje em dia, no entanto, essa justificativa não tem mais pertinência.

Uma explicação possível está no fato de que a linguística emergiu como ciência e definiu seus objetos e métodos a partir do grande ideal forjado na Modernidade, de busca pela certeza, pelo rigor lógico, pelo que há de sistemático e categórico. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure quase não menciona interlocutores que talvez tenha tido à época em que suas ideias sobre a linguagem estavam em gestação. De qualquer maneira, sabe-se que, no último quarto do século XIX, ele estava imerso no ambiente histórico-comparativista, que se caracterizava, entre outras coisas, por buscar tornar a linguística uma ‘verdadeira ciência’. É nesse contexto que devem ser entendidos os esforços de Saussure para transpor as barreiras que dificultavam (e ainda dificultam) o entendimento do que é a linguagem humana (SEUREN, 2016, p. 821).

Esses esforços demoraram para ser considerados inovadores e fundadores de uma ‘verdadeira ciência’. Talvez um dos motivos para essa demora seja o fato de que, na época em que veio a público, o pensamento de Saussure não se coadunava com a vertente positivista em voga no mundo ocidental, mais orientada para os dados empíricos, e em busca de formalizações rigorosas para as generalizações feitas a partir de sua observação e análise. Segundo Seuren (2016), para Saussure, ‘rigor científico’ implicava a elaboração de classificações completas de fatos que, no caso da linguagem, em conformidade com o seu ponto de vista, não eram físicos, mas mentais (SEUREN, 2016, p. 822). Aí reside uma das principais diferenças entre o estruturalismo fundado por Saussure e o estruturalismo americano, que tinha em Leonard Bloomfield uma de suas principais lideranças. O estruturalismo americano, bem de acordo com o pensamento

positivista, excluía fenômenos mentais do domínio das ciências, por serem eles considerados inacessíveis ao método científico (SEUREN, 2016).

Ainda que talvez não conscientemente, para contornar as possíveis dificuldades que essa ideia mentalista poderia acarretar em sua busca científicista, Saussure se apoia na distinção entre, de um lado, palavras que corresponderiam a ideias gerais e abstratas, e, de outro, fatos ou entidades individuais a que fazemos referências por meio dessas palavras. Cientificamente, seria possível considerar que essas palavras abstratas resultam de funções matemáticas que tomam entidades ou fatos individuais como input e obtêm um juízo de categorização ou pertencimento (SEUREN, 2016, p. 833).

Esse tipo de raciocínio, entre alguns outros, parece ter sido suficiente para que Saussure fosse inserido em uma vertente formalista e racionalista de pensamento, embora distante daquela que veio a caracterizar o estruturalismo americano. Seja como for, desde o nascimento da linguística como ciência, formalismo e racionalismo continuam a ser uma base forte dos estudos linguísticos, que ainda hoje tendem a colocar, em posição teórica periférica, a presença humana, com a variabilidade de suas percepções e com suas idiossincrasias, como o pivô da emergência do significado. A linguística de base chomskyana veio a reforçar esse formalismo, separando, desta vez, a competência – desenvolvida a partir de um conhecimento linguístico abstrato, considerado parte da dotação genética da espécie – da performance – o uso desse conhecimento, considerado como pleno de falsos começos, hesitações, falhas e rupturas (CHOMSKY, 1986). Como visto acima, mesmo as várias teorias linguísticas de base social ou cognitiva, entre elas aquelas que reconhecem que o uso linguístico não pode ser deixado em posição secundária, ainda se mostram bastante conservadoras, mantendo, tanto quanto possível, a primazia da ideia de que ‘verdadeiras ciências’ devem estar atreladas ao formalismo e à razão.

Esse viés racionalista que se mantém tão forte no âmbito da linguística da *langue* (ou da competência) parece desincentivar o estudo da linguagem como parte de um processo de constituição de intercorporealidades situadas, da maneira entretida por Merleau-Ponty. Conceber o pensamento e a significação como sendo sempre emergentes em falas falantes e constituindo-se como elementos de experiências vividas de modo intersubjetivamente concatenado implica levar em consideração as complexidades micro-sociais e culturais que permeiam localmente cada uma das interações humanas. Isso é raramente contemplado nos estudos linguísticos, possivelmente porque inserir nas análises toda a flexibilidade, variabilidade e imprevisibilidade das ações humanas exigiriam da linguística fundamentações teóricas e metodológicas diferentes daquelas

com as quais ela vem operando ao longo do tempo. Não surpreende, portanto, que os estudos que se dedicam à investigação da emergência do significado em ações comunicativas humanas e de natureza dinâmica e cooperativa estejam sendo desenvolvidos em áreas consideradas externas à linguística. Na psicologia, por exemplo, destaca-se o já mencionado trabalho liderado por Herbert H. Clark sobre como o uso da língua envolve um terreno comum (*common ground*) e um projeto de ação coordenada e conjunta entre os participantes de uma interação comunicativa face a face localmente considerada (CLARK, 1996). Ainda, destacam-se os trabalhos e experimentos de Michael Tomasello e colaboradores sobre a emergência filogenética e ontogenética da linguagem, que evidenciam que a aquisição da linguagem em humanos está crucialmente ligada à indexicalidade criada por gestos e direção do olhar nos momentos de interação entre criança e adultos (TOMASELLO, 2003; 2008). Na área da antropologia e estudos da comunicação, distingue-se o trabalho seminal liderado por Charles Goodwin, parte do qual foi compilada em um livro publicado no ano de sua morte (GOODWIN, 2018). Também na sociologia, particularmente na área conhecida como etnometodologia, justamente a área que deu origem à análise da conversa, é central a ideia da emergência de significado nas interações sociais comuns.²⁵

A etnometodologia tem como objeto de estudo os eventos mais comuns de nossa vida cotidiana, buscando identificar os métodos usados pelas pessoas para tornar ordenadas e significativas suas ações práticas e mundanas. O foco dos estudos etnometodológicos está na investigação dos processos pelos quais os participantes de qualquer interação social corriqueira colaboram entre si e chegam a um acordo tácito sobre a inteligibilidade da própria interação social de que participam. De uma maneira mais radical, e inteiramente de acordo com as ideias de Merleau-Ponty (e dos fenomenólogos em geral), é possível entender que uma atividade social só se constitui enquanto tal, só ganha sua existência e seu significado a partir da intersubjetividade (intercorporeidade) experienciada por seus participantes (LIBERMAN, 2011, p. 76).

Pensemos, como exemplo, em uma ação em que indivíduos precisam chegar a um certo

²⁵ A etnometodologia foi proposta pelo sociólogo Harold Garfinkel em meados dos anos 1960 (ver Garfinkel, 1967). Foi em seu âmbito que surgiram os estudos da conversa como prática social, hoje conhecidos como *análise da conversa*. A partir do artigo de três sociólogos – Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson – publicado em 1974, uma nova perspectiva se abriu para os estudos da linguagem: o estudo da fala em interação, em tempo real, por pessoas de carne-e-osso, para fins concretos. Seu foco, no entanto, tem se mostrado um pouco diferente daquele que vimos enfatizando aqui, ou seja, a emergência do significado. Analistas da conversa têm concentrado seus esforços na descrição e análise de aspectos formais da troca de turno, da regularidade da formação de pares adjacentes, das condições apropriadas para o reparo, etc. (ver Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974). Já Merleau-Ponty, especialmente na parte de sua fenomenologia que vem sendo ressaltada neste texto, volta-se, não tanto para os aspectos formais da interação, mas mais para a construção do sentido intersubjetivo.

destino, sem conhecer o caminho. Tudo o que eles têm em mãos é um mapa esquemático desenhado em um pedaço de papel. Num primeiro momento, os rabiscos no mapa são pouco inteligíveis. Mas eles são usados para perscrutar o terreno sendo percorrido pelos viajantes. À medida que o indivíduos vão avançando pelo caminho, alguém aponta para aspectos da paisagem que são verificados pela pessoa que segura o desenho e considerados (ou não) como correspondentes às marcas no mapa. É assim, pela intercorporeidade que caracteriza a situação, pela relação entre os membros da interação com o terreno, e pelos constantes relatos feitos pelos participantes sobre a inteligibilidade da situação, que os rabiscos no mapa de tornam signos. Como diz Liberman, “quando chegamos ao nosso destino, o mapa esquemático já terá se tornado um quadro de textura profunda, rico de sentido – mas um sentido de cuja construção nós participamos” (LIBERMAN, 2011, p. 83).²⁶

Essa é a ideia de quiasma proposta por Merleau-Ponty e mencionada acima: o significado de alguma coisa se formando na própria coisa. Não se trata de uma *negociação* de sentido, na medida em que negociação implica que cada membro da interação tenha, *a priori*, um significado já determinado; tampouco trata-se de uma interpretação do mapa, porque interpretação também implica a existência de um significado prévio que é decodificado pelos participantes (LIBERMAN, 2011, p. 81). Diferentemente, para Merleau-Ponty, todo sentido está conectado às circunstâncias práticas da situação em que ele ganha sua existência. Assim se constitui a fala falante.

A centralidade da noção de intercorporeidade e da comparticipação dos interactantes de uma comunicação na emergência do significado que permeia toda a filosofia de Merleau-Ponty ajuda a entender quão particular é a maneira pela qual ele se apropriou do pensamento de Saussure expresso no *Curso de Linguística Geral*. Em Merleau-Ponty, a fala ganha destaque: ela deixa de ter o papel secundário que lhe atribui o *Curso* (SAUSSURE, 2013, p. 51), para se tornar o foco de interesse, na medida em que é por meio dela – e apenas por meio dela – que se constituem nossos pensamentos. O significado que tem interesse não é mais aquele convencionalizado nos signos que integram o sistema da língua, passando a ser aquele que é sempre novo, sempre emergente em alguma fala falante, sempre fruto de uma situação em que seres/corpos vividos estão em interação, conjuntamente participando de processos semióticos que ocorrem on-line, no fluxo de suas ações intercorporeadas.

Essa posição sobre a linguagem que se encontra na filosofia de Merleau-Ponty está em

²⁶ Tradução nossa.

perfeita sintonia com as visões que têm se desenvolvido em outras áreas do saber, como as já mencionadas psicologia, antropologia e etnometodologia, justamente porque todas enfatizam que a significação não é algo imanente à língua, mas é um processo sempre em fluxo, que permeia as ações humanas, situadas em um tempo e um espaço particular. Explorar essas visões nos dá a chance de estabelecer, para a linguística contemporânea, paralelamente às já firmes fundações formalistas, racionais e cognitivas que vêm consolidando a linguística como ciência desde o *Curso de Linguística Geral*, uma base de natureza interdisciplinar teoricamente sólida para que a linguagem seja concebida como um fenômeno que não se dissocia da própria vida humana. Assumir e entender a intercorporeidade que subjaz os encontros comunicativos; dar à fala o papel que ela merece não só para os estudos da linguagem, mas também, para os estudos da cognição e da sociabilidade humanas; destacar a criatividade que emerge na fala falante criando significações sempre novas, tudo isso eleva a função semiótica a patamares poucas vezes considerados por algumas teorias linguísticas. Em tempos de interdisciplinaridade, o pensamento de Merleau-Ponty pode vir a dar uma substancial contribuição para a construção de uma ponte entre a linguística, a sociologia, a filosofia e as ciências da cognição.

Referências

- ALLOA, E. The diacritical nature of meaning: Merleau-Ponty with Saussure. *Chiasmi International: Trilingual Studies Concerning Merleau-Ponty's Thought*, Charlottesville, v. 15, p.167-180, dez. 2013.
- AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- CLARK, H. H. (1996). *Using language*. Cambridge/New York: Cambridge University Press.
- FERRAZ, M.S.A. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- GALLAGHER, S. Philosophical antecedents of situated cognition. In.: P. Robbins; M. Aydede (Eds.). *Cambridge handbook of situated cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 35–53.
- GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hal, 1987.
- GRICE, H.P. Logic and conversation. In: P. Cole; J.L.Morgan (Eds.). *Syntax and semantics, Vol.3, Speech acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.
- HARRIS, R. *Reading Saussure: A critical commentary on the Cours de Linguistique Générale*. Chicago: Open Court, 1987.

- HEIDEGGER, M. *The basic problems of phenomenology*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.
- JOHNSON, M. *The meaning of the body*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2007.
- LAGUEUX, M. Merleau-Ponty et la linguistique de Saussure. *Dialogue*, Paris, v. 4, n. 03, p. 351-364, dez. 1965.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Descriptive applications. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LANGACKER, R. *Cognitive grammar*. A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LEFORT, C. Prefácio À *Prosa do Mundo*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- LIBERMAN, K. The reflexive intelligibility of affairs: Ethnomethodological perspectives on communicating sense. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Paris-Genebra, vol. 64, 73–99, 2011.
- MCCLEARY, L.E.; VIOTTI, E.C. Linguistics in search of a semiotics of interaction. Trabalho apresentado no 10o. Encontro Internacional Brasileiro de Ciências Cognitivas, Universidade de São Paulo, 2015.
- MCCLEARY, L.E.; VIOTTI, E.C. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. In: J.L.Fiorin (Ed.), *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 171–194.
- MERLEAU-PONTY, M. Le problème de la parole. In.: *Annuaire du Collège de France*. Paris, 1954.
- MERLEAU-PONTY, M. *The visible and the invisible*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1968.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MOURA, A. C. Ser e linguagem em Merleau-Ponty. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* São Paulo, v. 20, p. 90, 2012.
- NOË, A. *Varieties of presence*. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2012.
- RAMOS, S. de S. *A prosa de Dora: uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty*. Tese (Doutorado em Filosofia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- REDDY, M. J. The conduit metaphor. A case of frame conflict in our language about language. In.: A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 284–324.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50(4), 696–735, 1974.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- SEUREN, P. A. M. Saussure and his intellectual environment. *History of European Ideas*, v. 42, n. 6, p.819-847, 20 abr. 2016.
- SCHUTZ, A. *Collected papers*, vol. 1: The problem of social reality. The Hague: Martinus Nijhoff,

1971.

THOMPSON, E. *Mind in life*. Biology, phenomenology, and the sciences of mind. Cambridge, MA and London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

TOMASELLO, M. *Constructing a language*. A usage-based theory of language acquisition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. Cambridge, MA/London: The MIT Press, 2008.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
